

Praxédís Guerrero na revolução Mexicana

por Dave Poole

Nota e tradução de Eliane K. Carvalho

A revolução Mexicana foi um acontecimento que tomou grandes proporções a partir do levante de 1910. Um dos propulsores da revolução foi a oposição ao governo ditatorial de Porfirio Díaz, que governava por mais de 30 anos, de 1876 a 1911¹. Nas eleições seguintes, Francisco I. Madero assumiu a presidência para ser deposto em 1913 por um golpe de Estado.

Entretanto, as batalhas anarquistas no México não começaram em 1910 e não terminaram em 1911. O breve relato sobre o envolvimento de Praxédís G. Guerrero na revolução mexicana mostra o seu percurso incerto e a sua própria transformação frente ao envolvimento na luta armada e com companheiros anarquistas. Praxédís, em seus escritos e em suas práticas, posiciona-se em favor da chamada revolução violenta, tendo em vista não o triunfo da justiça, mas a abertura de espaços para uma vida livre.

Desempenhou um importante papel ao unir-se à Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano. A Junta, como é referida no texto de Dave Poole, foi criada em 1905 por Ricardo Flores Magón, Juan Sarabia, Antonio I. Villareal e Librado Rivera. Em princípio, o discurso atrelado à Junta configurava um tom mais reformista, ainda que radical para a época. Mas a própria experiência de Ricardo Flores Magón, junto a Praxédís, e em

¹ Díaz esteve à frente do governo, com exceção dos anos entre 1880 e 1884, quando foi substituído pelo militar Manuel Gonzáles, seu homem de confiança. (N.T.)

meio à invenção desta revolução, o levou a abandonar o lema “Reforma, liberdade e justiça” e adotar a famosa máxima “Terra e liberdade”.²

Após a morte de Praxédis G. Guerrero, e com a eleição de Francisco I. Madero, Ricardo Flores Magón uniu-se ao movimento Zapatista, que à época defendia o estatismo, para mostrar que em qualquer governo há violências, perseguições e supressão da liberdade.

O seguinte texto foi publicado inicialmente em 1976, no n. 4 da Cienfuegos Press Anarchist Review e, posteriormente, editado para a revista Anarchy: A journal of desire armed, n. 74, de 2013-2014, versão a partir da qual foi feita esta tradução.

Sobre Dave Poole, a rede eletrônica não nos fornece muitas informações. Sabe-se que é um historiador anarquista e que, além de artigos para a revista Cienfuegos, organizou e publicou uma seleção de textos intitulados Land and Liberty!: Anarchist Influences in the Mexican Revolution; Librado Rivera: anarchists in the Mexican Revolution; e The Life, Trial, And Death of Francisco Ferrer Guardia. Os três livros foram publicados inicialmente pela Cienfuegos Press, e os dois últimos foram reeditados recentemente em versão eletrônica pela ChristieBooks.

² Cf. Dave Poole. “Ricardo Flores Magón and the Mexican Revolution” in *Cienfuegos Press Anarchist Review*, vol. 1, n. 3, 1977.

Introdução do editor³:

Este ensaio biográfico foi reproduzido com a permissão de *Cienfuegos Press Anarchist Review* #4 (1978). Algumas edições foram feitas por uma questão de clareza e continuidade, e notas explicativas foram incluídas entre parênteses. Uma biografia mais extensa de Guerrero, *To die on your feet*, foi escrita por Ward Albro (Texas, A&M press, 1966), que também escreveu uma biografia de referência sobre Ricardo Flores Magón. Apesar de ser atribuída a Emiliano Zapata, Guerrero foi quem pronunciou a famosa frase “É melhor morrer de pé do que viver de joelhos”.

Si los parece que andando no negais a la liberdade, corred entonces.

P. G. Guerrero.

Praxédis G. Guerrero foi militante anarquista, propagandista, poeta e secretário da Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano (PLM). Ele foi o primeiro anarquista no país a dar sua vida à terra e à liberdade, morto com apenas 28 anos, durante um ataque à cidade de Janos, Chihuahua, nos primeiros meses da Revolução Mexicana. Junto a Ricardo Flores Magón, Praxédis foi um dos principais entusiastas dos primeiros esforços revolucionários realizados pelo PLM⁴ para livrar o México de seu velho ditador, Porfirio Díaz, que por quarenta anos subjugou o povo mexicano ao mais cruel despotismo e escravidão. Durante a prisão de Ricardo Flores Magón, entre 1907 e 1910, Praxédis assumiu a tarefa revolucionária quase que sozinho. Ao se unir à Junta Organizadora do PLM em 1907, logo após a sua fundação, ele se tornou

³ Publicada em *Anarchy: a Journal of Desire Armed*.

⁴ Para material adicional sobre Ricardo Flores Magón e o Partido Liberal Mexicano, ver meu artigo (Poole, 1977, op. cit.) e minha introdução e cronologia em *Land and Liberty! Anarchists influences in the Mexican Revolution: Ricardo Flores Magón* (Cienfuegos Press, 1977).

não somente o mais hábil e importante organizador das lutas armadas, como o mais perspicaz propagandista que muito contribuiu com as ideias anarquistas do PLM.

Em sua breve, mas heroica vida, Praxédis traduziu a teoria anarquista em ação direta.

Praxédis Gilberto Guerrero nasceu em 28 de agosto de 1882 em Los Altos de Ibarra, no estado de Guanajuato. Era o sexto filho de uma rica família de proprietários de terra. Depois de cursar a escola primária e o ensino secundarista, em León, mudou-se para San Luis Potosí no início de 1900. Lá ele trabalhou como operário da Cervecería de San Luis e depois na Fundación de Morales antes de retornar a Los Altos de Ibarra meses depois. No ano seguinte, ele ajudou seu pai nos negócios da família, fazendo várias viagens como representante para Puebla, Cidade do México e Laredo.

Em maio de 1901 foi aceito como correspondente do jornal anti-Díaz de Filomeno Mata, *Diario del Hogar*, mas não se sabe se era ou não uma atividade de tempo integral. Algum tempo depois, naquele mesmo ano, ingressou na segunda reserva do exército, sendo escalado como segundo tenente de cavalaria em novembro de 1901.

Por volta de 1903, interessou-se pelo movimento liberal anti-Díaz, fundado dois anos antes, e começou a ler suas publicações, em especial *El Demófilo*, de Camillo Arriaga, e *El Hijo del Ahuizote*, de Ricardo Flores Magón. Ao mesmo tempo, iniciou as leituras das obras de Bakunin, Kropotkin e Malatesta, difíceis de serem obtidas época, ainda que *A conquista do pão*, de Kropotkin, tenha sido publicada como panfleto pelo jornal de oposição *Vespar* no ano anterior.

Em 02 de abril de 1903, durante um protesto liberal na cidade de Monterrey, capital de Nuevo León, contra a reeleição do General Bernardo Reyes para governador do estado, o exército nacional atirou contra os 10.000 manifestantes sob a ordem do próprio Reyes. Quinze

peças morreram e muitas ficaram feridas. Quando a notícia chegou a Praxédis, contrariado, ele renunciou ao seu posto no exército e regressou à propriedade de sua família em Los Altos de Ibarra, onde trabalhou como operário agrícola até setembro de 1904, quando, junto a Francisco Manrique e Manuel Vasquez – dois trabalhadores da propriedade de seu pai – decidiu deixar o México e procurar trabalho nos Estados Unidos.

Depois de atravessar a fronteira estadunidense em El Paso, Praxédis e seus companheiros seguiram para Denver, em Colorado, onde ele e Manrique encontraram trabalho na Colorado Supply Company, uma empresa mineradora. No início de 1905, saíram de Denver e, após trabalharem como lenhadores por algumas semanas em El Dorado, na Califórnia, chegaram a São Francisco no mês de março. Ali, Praxédis iniciou a publicação do jornal *Alba Roja* [*Aurora Vermelha*]. Infelizmente não se sabe nada sobre este jornal, uma vez que não restou nenhuma cópia, mas pelo título presume-se que era um jornal revolucionário, provavelmente escrito em favor do povo mexicano nos Estados Unidos. Bem sucedido ou não, *Alba Roja* interrompeu a sua publicação quando Praxédis deixou São Francisco, no meio do ano, rumo a Pueblo, no Arizona, onde trabalhou por algum tempo em uma mina de carvão. Ao final de 1905, mudou-se novamente, desta vez para Morenci, também no Arizona. Ali encontrou um trabalho mais contínuo como fundidor na Detroit Copper Mining Company, uma mineradora de cobre.

Em 1906 ocorreu o primeiro contato entre Praxédis e a Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano, quando Manuel Sarabia, representando a Junta, visitou-o em Morenci no mês de maio. A Junta, que havia sido formada no mês anterior em St. Louis, no Missouri, a partir da iniciativa de Ricardo Flores Magón, tinha como objetivo coordenar todas as atividades revolucionárias anti-Díaz, tanto nos grupos exilados nos EUA, quanto nos grupos no interior do próprio México. Provavelmente a Junta ficou sabendo do nome de Praxédis por meio do *Alba Roja*.

No mês seguinte à visita de Sarabia, Praxédis fundou o grupo Obreros Libre, constituído por trabalhadores da mineradora de Morenci. Praxédis era o presidente do grupo e Manuel o secretário. O grupo era, na realidade, uma junta auxiliar da Junta do PLM, e arrecadações regulares permitiam ao grupo enviar fundos para ajudar a Junta em St. Louis.

Em setembro de 1906, aconteceu o primeiro levante inspirado pelo PLM, no México. No entanto, devido à má organização e à presença de informantes do governo infiltrados em ambos os lados da fronteira no movimento revolucionário, o levante não deu em nada. Muitos membros do PLM foram detidos, tanto no México como nos EUA, incluindo dois membros da Junta, Juan Sarabia e Antonio I. Villarreal. Por muito pouco Ricardo Flores Magón não foi preso em El Paso. Em fuga, com a oferta de recompensa de \$50.000 por sua cabeça, Magón foi para Los Angeles, na Califórnia, via Sacramento e São Francisco. Mais tarde, juntaram-se a ele Librado Rivera e Villarreal, também em fuga. Juntos, os três fundaram o jornal *Revolución*, publicado clandestinamente.

As atividades de Praxédis neste período não são claras. Existem algumas evidências de que, depois do levante de 1906, ele fora encarregado de diversas missões para a Junta no México, mas isso não é certo. Entretanto, em junho de 1907⁵, Praxédis se mudou para Douglas, no Arizona, onde trabalhou nas minas da Companhia Cooper Queen e, no dia 29, foi nomeado Delegado Especial da Junta. Neste momento, começou a redigir artigos para o *Revolución*.

Após a prisão de Ricardo Flores Magón, Villarreal e Rivera, em 23 de agosto de 1907, quando foi descoberto o local em que se escondiam, Praxédis se mudou para Los Angeles, onde ajudou Manuel Sarabia e Lazano Gutierrez na produção do *Revolución*. Entretanto, o jornal teve

⁵ O ano no artigo em inglês consta como 1901, provavelmente um erro de digitação, considerando que o jornal *Revolución* foi criado em junho de 1907 e fechado em 1908. (N.T.)

suas atividades encerradas pelas autoridades estadunidenses após a prisão de Lara e Sarabia.

Em 9 de novembro de 1907, Praxédís se encontrou com Ricardo Flores Magón pela primeira vez, quando visitou os três prisioneiros da Junta no cárcere de Los Angeles. Após esse encontro, foi indicado como Segundo Secretário da Junta.

A partir de então, a tarefa de organizar e coordenar as atividades do PLM nos dois lados da fronteira ficou a cargo de Praxédís e do irmão mais novo de Ricardo Flores Magón, Enrique, que acabara de regressar de Nova York para Los Angeles. Depois da supressão oficial do *Revolución*, Praxédís foi a El Paso, onde fez contato com diversos grupos revolucionários do PLM na região. Ele também supervisionou o envio de fundos e armas através da fronteira para grupos ativos nos estados de Coahuila e Chihuahua, no norte do México. Neste período, seu pai faleceu, deixando-lhe uma parte da propriedade da família. Praxédís recusou a herança.

Depois de meses em que o grupo esteve, pacientemente, planejando e esperando, aproximava-se o momento para um segundo levante do PLM. Grupos armados dos dois lados da fronteira estavam preparados para a ação quando foram surpreendidos por um desastre em 18 de junho. As casas de ativistas do PLM na cidade de Casas Grandes, em Chihuahua, foram invadidas pela polícia depois da delação de um infiltrado no grupo. Cinco dias depois, em 23 de junho, a guarda texana invadiu a casa de Prisciliano G. Silva em El Paso, apreendendo 3000 cartuchos de munições e uma série de documentos importantes, incluindo uma carta de Ricardo Flores Magón que sua companheira, Maria Talavera, havia desviado para fora da prisão.⁶ Nesta carta havia uma lista de muitos grupos do PLM dentro do México que estavam prontos para o levante.

⁶ Há uma indefinição quanto à data uma vez que, de acordo com Poole (1977), a invasão das autoridades se deu em 1906, mas Magón só teria sido preso em 1907. (N.T.)

O governo estadunidense imediatamente encaminhou a carta para o governo ditatorial no México, e, a pedido deste, manteve Magón e seus dois camaradas incomunicáveis no presídio de Los Angeles.

Apesar do percalço inicial, o primeiro grupo do PLM cruzou a fronteira na noite de 24 para 25 de junho de 1908 e tomou com facilidade a cidade de Viesca, em Coahuila. A polícia esboçou uma reação simbólica na qual um dos *rurales*⁷ foi morto e um outro *rurale* e um rebelde foram feridos. Os insurgentes, então, abriram a prisão libertando todos ali detidos. Seguiram para a praça pública onde proclamaram o manifesto da PLM e declararam nula e inválida a ditadura de Díaz. Depois disso, os cavalos e os fundos foram expropriados para a revolução. Tudo isso foi realizado sem ferir nenhum civil. Infelizmente, esta recém-liberada população acreditava que os insurgentes não eram libertadores do PLM, mas bandidos – essencialmente porque eles chegaram à cidade pela fronteira estadunidense. Diante da reação da população, os insurgentes não tiveram outra alternativa senão a retirada.⁸

“A retirada de Viesca se tornou inevitável”, escreveu Praxédis posteriormente. “Os voluntários da liberdade vieram de seus postos e partiram seguidos pelos olhares de amor e esperança das mulheres proletárias cujas simpatias foram animadas pelas ações dos verdadeiros conservadores da paz e da ordem que voluntariamente levaram em seus ombros indomáveis a designação de bandidos”.⁹

Uma vez fora da cidade, os rebeldes se dispersaram, alguns cruzando a fronteira dos EUA e outros se unindo a grupos ativos do PLM.

⁷ Milícia paramilitar rural. (N.T.)

⁸ GUERRERO, Praxédis. “Episodes of the Revolution of 1908: Viesca”. In: *Regeneración*, 24 de setembro de 1910. [Presume-se que a localização desta referência se remeta a este trecho do texto. Na publicação em inglês, a localização da nota no interior do texto desapareceu, constando apenas como “nota 3” ao final do artigo. Sabe-se, no entanto que é uma nota anterior à que vem em seguida. (N.T.)]

⁹ GUERRERO, 24 de setembro de 1910, op. cit.

No dia seguinte, ao grito de “Camaradas, à morte ou à conquista da liberdade!”, um grupo de quarenta homens do PLM, liderados por Praxédis, Benjamin Canales, Encarnación Guerra e Jesus M. Rangel, atacou a cidade de Los Vacas (atualmente Acuña), em Coahuila. Apesar de a cidade ter um contingente de mais de 100 *federales*¹⁰, os soldados, no lugar de permanecerem nos quartéis, esconderam-se nas casas da população civil para impedi-la de ajudar aos rebeldes. Depois de um banho de sangue em que os *federales* foram reduzidos a 15 homens, a cidade finalmente foi tomada. No entanto, devido às perdas dos insurgentes, decidiu-se evacuar a cidade em retirada liderada por Jesus M. Rangel, que estava ferido. O preço da tomada de Las Vacas foi alto. Muitos militantes experientes perderam suas vidas, incluindo Canales, morto no ataque inicial, Nestor Lopez e Modesto G. Ramirez.¹¹

Praxédis atravessou a fronteira de volta para os EUA e, em 1º de julho de 1908, junto a Enrique Flores Magón, Jose Inez Salazar, Francisco Manrique e outros sete camaradas; eles retornaram ao México, onde atacaram a cidade de Puerto Palomas, em Chihuahua, não sem antes cortarem os fios do telégrafo em direção à cidade. Primeiro, para evitar que se repetisse o mesmo que acontecera em Las Vacas, fizeram uma busca nas casas da população e encontraram os 25 *rurales* trancados em seus quartéis. Uma tentativa de removê-los de lá foi rejeitada. Nesta batalha, Francisco Manrique foi assassinado e Praxédis e outro camarada foram feridos.¹²

Ações revolucionárias por outros grupos do PLM aconteceram por todo o país. Um ataque foi feito à cidade de Matamoros, em Tulipas,

¹⁰ Termo que se refere ao Exército Militar Nacional. (N.T.).

¹¹ GUERRERO, Praxédis. “Episodes de la Revolución de 1908: Las Vacas”. In: *Regeneración*, 10 de setembro de 1910.

¹² GUERRERO, Praxédis. “Episodes de la Revolución de 1908: Palomas”. In: *Regeneración*, outubro de 1910.

mas não deu em nada, assim como o levante de um grupo do PLM na cidade de Janos, em Chihuahua. Em Baja Califórnia, a cidade de Mexicali foi atacada por uma pequena força do PLM que adentrou o território enquanto um levante dos índios Yaqui, em Sonora, era liderado por Fernando Polamarez. Levantes que deveriam acontecer em outras áreas e cidades nunca se concretizaram por causa do aprisionamento em massa de militantes pela ditadura, após as autoridades dos EUA entregarem os documentos encontrados na invasão à casa de Silva um dia antes. Essa foi, portanto, a revolução do PLM de 1908. Apesar de seu fracasso armado, ela foi de grande importância para abrir caminho para a grande revolução que viria.

Após o infortúnio em Puerto Palomas, Praxédis e Enrique Flores Magón foram a pé até El Paso, via Ciudad Guzman e Ciudad Juarez. De El Paso, seguiram até Albuquerque, no Novo México, onde Praxédis permaneceu para cuidar de seus ferimentos. Enquanto convalescia, escreveu artigos para o jornal liberal *Reforma, Libertad y Justicia*, de Austin, no Texas, editado por Antonio de P. Arango e Tomas Sarabia até ser reprimido pelas autoridades estadunidenses e Arango, aprisionado.

Curado, Praxédis partiu de Albuquerque em direção a Douglas, enquanto Enrique seguiu para São Francisco. Em Douglas, contatou Jesus M. Rangel e começou a planejar o terceiro, e quem sabe vitorioso, levante. Depois de Las Vacas, Rangel liderou uma ação de retaguarda quando fizeram uma emboscada para uma coluna de *federales* em Sierra del Burro, em Coahuila, matando vinte soldados.

Em setembro, Praxédis foi para El Paso, onde podia organizar mais grupos revolucionários, enquanto Rangel seguiu para Oklahoma para procurar obter fundos dos mineradores mexicanos para a causa do PLM.

No início de 1909, como encarregado especial da Junta, Praxédis viajou pelos estados centrais e do sul do México, contatando o maior número possível de grupos ativos. Ao mesmo tempo, Hilario C. Salis

e Cándido Donato Padua organizavam ações do PLM nos estados de Oaxaca, Puebla e Tlaxcala. Os dois eram veteranos do levante de 1906, e Padua, que era o comandante das forças do PLM da área de Vera Cruz, conseguiu prosseguir com o grupo ativo desde então. Praxédís manteve contato com estes dois camaradas por meio de cartas assinadas com o codinome Nihil.

De volta aos Estados Unidos no início de março de 1909, viajou pelo Kansas, Missouri e Illinois, conseguindo apoio para o PLM de membros do Partido Socialista. Em agosto, retornou a El Paso, juntando-se a Rangel e Andrea Villarreal, irmã de Antonio, ambos envolvidos com a organização e a propaganda na região. Entretanto, no dia seguinte à chegada de Praxédís, Rangel foi detido pelas autoridades dos EUA por ter violado o Neutrality Act¹³ e sentenciado a 18 meses de prisão. Depois deste revés, Praxédís dirigiu-se para o sul do Texas, onde encontrou emprego por um breve período em uma serralheria, e imediatamente a máquina legal dos EUA começou a ameaçá-lo.

Com a sua chegada em El Paso, pôde ver publicado o primeiro número do *Punto Rojo*, um jornal revolucionário que havia planejado desde sua convalescença depois de Puerto Palomas. Como a grande maioria dos jornais liberais nos Estados Unidos foram retirados de circulação pelas autoridades, *Punto Rojo* tornou-se de imensa importância, pois era um dos poucos meios pelos quais os membros do PLM podiam manter contato com o movimento. Durante sua breve existência, *Punto Rojo* vendeu 10.000 exemplares por edição. No entanto, não se sabe quantas edições foram publicadas e, infelizmente, assim como o *Alba Roja*, não restou nenhuma cópia, ainda que alguns artigos de Praxédís publicados neste jornal tenham sido, posteriormente, compilados em uma publicação

¹³ O *Neutrality Act* de 1917 tornava ilegal o suporte financeiro em qualquer guerra da qual o governo dos EUA não tomasse partido. Este ato foi reformulado nos anos 1930 em função da Guerra e suprimido anos depois com o *Lend-Lease Act* de março de 1941. (N.T.)

do Grupo Cultural Ricardo Flores Magón, na Cidade do México, em 1924.¹⁴ Pouco tempo depois do surgimento do *Punto Rojo*, Praxédís foi obrigado a deixar El Paso, e o jornal passou a ser publicado pelo socialista estadunidense William Lowe e os mexicanos Clemente Garcia e Antonio Villareal.

No início do ano de 1910, Praxédís trabalhou em Houston, no Texas, até se ver obrigado a mudar para Bridgeport, onde trabalhou em minas de carvão. Neste período, também contribuiu com artigos para o *Evolución Social*, um semanário liberal de Tohay. No final de maio, *Punto Rojo* foi fechado pela polícia e um mês depois Praxédís foi obrigado a se mudar novamente, pois a ditadura de Díaz oferecia \$10.000 pela sua captura.

Em 3 de agosto de 1910, Ricardo Flores Magón, Antonio I. Villareal e Librado Rivera foram libertados da prisão em Florence, no Arizona, onde haviam cumprido uma sentença de 18 meses sob alegação de violação do Neutrality Act. Eles partiram imediatamente para Los Angeles, sendo recebidos na estação de trem por Praxédís e centenas de simpatizantes do PLM. No final de agosto, Praxédís deixou San Antonio, onde trabalhava nas oficinas rodoviárias, e juntou-se a Ricardo Flores Magón em Los Angeles. Em setembro, eles retomaram a publicação de *Regeneración*, com Praxédís como membro do corpo editorial.

Com todos os membros da Junta reunidos (com exceção de Juan Sarabia, preso no México), os planos para um terceiro levante começaram a ser colocados em prática. Já no início de abril, os líderes armados do PLM, reunidos em Tlaxcala, decidiram que, em função da agitação por todo o país, o momento era oportuno para uma ação revolucionária. Essa ideia se fortaleceu quando 1500 peões armados tomaram a cidade de Valladolid, em Yucatan, por quatro dias. No mês seguinte 300 peões em Bernardino Contla, Tlaxcala, tomaram a prefeitura da cidade em nome do PLM e só se dispersaram quando foi chamado um destacamento dos *federales*.

¹⁴ Guerrero, *Articulos de combate*.

Enquanto se preparava para a revolução social, a Junta foi surpreendida ao descobrir que Francisco I. Madero – um candidato malsucedido nas eleições presidenciais de junho¹⁵ – estava planejando iniciar um levante em 20 de novembro de 1910. Com os planos ainda não inteiramente finalizados, a Junta contactou o maior número possível de grupos do PLM no México e lhes orientou a sincronizar o seu levante com o de Madero. Além disso, tiveram o cuidado de também enviar uma circular geral que explicava claramente a maneira como os grupos deveriam agir em relação aos seguidores de Madero.

*“... A Junta recomenda que vocês se ergam com armas usando o movimento de Madero, mas sem se unir a ele ... atraiam todos aqueles de boa fé que estão querendo lutar, procurando, a todo o tempo, se opor a todas as tendências Maderistas. Dessa maneira a revolução pode ser feita em benefício do povo, em lugar de se tornar uma forma criminosa de ambicionar o poder...”*¹⁶

Estas instruções foram assinadas por todos os membros da Junta.

Os madeiristas fizeram o levante no dia marcado, mas foram derrotados. O PLM, então, passou a ofensiva.

No final de novembro de 1910, Praxédis deixou Los Angeles em direção a El Paso, onde reuniu um grupo de 22 homens e, na noite do dia 19 de dezembro, cruzou a fronteira em direção a Chihuahua. Seu plano era tomar uma série de cidades pequenas no norte do estado e então chegar à capital. No dia 22 de dezembro, os insurgentes expropriaram o comboio para El Paso, vinte quilômetros ao sul da Ciudad Juárez. Eles tomaram a locomotiva e um vagão e seguiram até a estação Guzmán,

¹⁵ Madero tinha se candidatado pelo Partido Anti-Re-Eleitoreiro e depois de sua derrota acusou Díaz de fraudar as eleições.

¹⁶ Circular de 16 de novembro de 1910, citada em D. H. de Santillan. *Ricardo Flores Magón, el apostol de la Revolución social Mexicana* (Mexico D.F. 1925).

explodindo pontes e cortando fios de telégrafo por onde passavam. Em El Sabenal, um grupo de 25 rebeldes se juntou a eles. Naquele dia, Praxédis enviou um informe à Junta em Los Angeles: “Até hoje não tinha nada de novo, mas agora não há mais pontes da ferrovia noroeste. As pessoas estão se unindo a nós voluntariamente. Guerrero.”¹⁷

Em Guzmán, os rebeldes se dividiram em duas colunas. Enquanto uma delas, guiada por Prisciliano G. Silva, marchava rumo a Laguna de Santa Maria, a outra, com 32 homens guiados por Praxédis, ia em direção a Casas Grandes. A intenção de tomar a cidade, mas o plano foi abandonado quando descobriam haver ali uma reserva de 450 *federales*. Desviando de Casas Grandes, atacaram a cidade de Janos, em 29 de dezembro de 1910. Após uma longa e sangrenta batalha, a cidade foi tomada pelos insurgentes do PLM, mas, antes que o destacamento dos *federales* fosse derrotado, estes conseguiram alertar a reserva de Casas Grandes. Imediatamente uma força de 150 *federales*, junto ao destacamento de *rurales*, foi enviada a Janos. Durante o conflito noturno que se seguiu à sua chegada, Praxédis foi mortalmente ferido. Ele morreu aos 28 anos, em 14 de janeiro de 1911.

Em novembro de 1932, seus restos foram exumados e levados para a capital do estado, Chihuahua, onde foi enterrado novamente com grande pompa. A homenagem não teve como finalidade honrar um anarquista, mas um mero herói nacional por um dito regime revolucionário, que naquela época, como hoje, sujeita os anarquistas às mais terríveis torturas e à morte.

Como se pode notar neste breve esboço biográfico, Praxédis G. Guerrero foi antes de tudo um militante anarquista. Como escreveu a Manuel Sarabia em maio de 1910: “Vou em direção a um anarquismo prático para evitar os erros cometidos por muitos ‘dogmáticos’ que se

¹⁷ *Regeneración*, 31 de dezembro de 1910.

colocaram para fora das massas e transformaram uma faca afiada em um instrumento sem corte...”¹⁸

Apesar de sua ênfase no prático e ativo no lugar do teórico, Praxédís teve uma contribuição importante para o jornalismo revolucionário como mostram seus poucos escritos. Estes artigos, redigidos em sua maioria para o *Punto Rojo* e o *Regeneración* nos anos de 1909 e 1910, respectivamente, pintados com imagens poéticas, mostram uma visão muito clara dos males de uma sociedade autoritária e oferecem uma alternativa libertária capaz de suprimir estes males. Estes artigos se ocupam de temas diversos, sendo os mais proeminentes o racismo, a emancipação das mulheres, a educação racional e, sobretudo, a necessidade de revolução.

Como trabalhador mexicano nos EUA, Praxédís viu de perto o preconceito explicitado pelos patrões e pelo público em geral contra todos os trabalhadores imigrantes, em especial, os mexicanos. De todos os grupos étnicos nos EUA, os mexicanos eram os mais mal pagos. Em muitas cidades eles eram banidos dos lugares públicos e, depois da revolução de 1908, os donos de mineradoras no Texas e em Oklahoma reduziram seus salários para impedir que os mesmos dessem suporte financeiro ao PLM.

“... racismo e nacionalidade”, ele escreveu “claramente manipulados por capitalistas e tiranos impedem que as pessoas vivam lado a lado fraternalmente...”

... Um rio, uma cordilheira, uma linha de pequenos monumentos, são suficientes para fazer de dois povos estrangeiros e inimigos, vivendo sob suspeitas e inveja um do outro por causa dos atos de gerações passadas. Todas as nacionalidades fingem-se superiores às outras de alguma forma. As classes dominantes, os guardiões da educação e saúde das nações,

¹⁸ Carta de Guerrero a Manuel Sarabia, 28 de maio de 1910. In: GUERRERO, Praxédís. *Articulos de combate*. Mexico DF: Ediciones Antorcha, 1977, p. 49.

alimentam o proletariado com orgulho e a crença em uma superioridade estúpida para impossibilitar a união dos trabalhadores de todas as nações que lutam separadamente para se livrar do capital...

... Se todos os trabalhadores das diferentes nações americanas tivessem participação direta nas questões de importância social que afetam um ou mais grupos de proletários, essas questões seriam resolvidas imediata e alegremente pelos próprios trabalhadores...”¹⁹

O racismo não era praticado somente contra grupos de trabalhadores, mas também contra trabalhadores individualmente. Um desses casos foi o linchamento de um trabalhador mexicano no Texas por, supostamente, ter assassinado uma mulher estadunidense. Em repulsa a esse incidente, Praxédis escreveu:

“Onde?

Na nação modelo, na terra da liberdade e morada dos bravos, na terra ainda encoberta pela sombra do enforcamento de John Brown, nos EUA, em uma vila no Texas, chamada Rock Springs.

Quando?

Hoje, no décimo dia do século, na época das aeronaves, dos equipamentos sem fio, do telégrafo, dos Congressos de Paz e das Sociedades Humanitárias.

Quem?

Uma multidão de “homens” brancos, para usar o nome que eles apreciam: Homem branco, branco branco.

Estes homens que queimaram um homem vivo não eram canibais, não eram nativos da África Equatorial, não eram selvagens de Mayaya, não eram inquisidores espanhóis, nem eram trogloditas, também não eram os homens nus e analfabetos da floresta; ao contrário, eles eram os descendentes de Washington,

¹⁹ “Programa de la Liga Pan-Americana del Trabajo”. In: GUERRERO, 1977, op. cit., pp. 124-125.

de Franklin, de Lincoln. Era uma multidão bem-vestida, educada, e orgulhosa de suas virtudes. Eles eram homens brancos cidadãos dos Estados Unidos.

Progresso, civilização, cultura, humanitarismo. Todas essas mentiras sobre os ossos calcificados de Antonio Rodriguez. Todas essas fantasias asfixiadas na fumaça pestilenta da fogueira de Rock Springs. Há escolas em cada cidade e em cada rancho no Texas. Por essas escolas passaram os garotos que se tornaram os homens no linchamento. Foi nessas escolas que seu intelecto foi formado, foram essas escolas que produziram aqueles que atearam fogo em um homem vivo, e que disseram alguns dias depois que a justiça estava feita.

Nestas escolas os homens são educados para ir além das bestas selvagens.”²⁰

Junto à eliminação do racismo, a emancipação das mulheres era tão indispensável para Praxédís quanto a própria revolução. Em uma fala durante um encontro voltado a este assunto, em Los Angeles, algumas semanas antes de sua morte, destacou claramente que o principal obstáculo para a verdadeira emancipação das mulheres era a bíblia, que ensinava a impureza das mulheres e o hábito que traduziu isso em sua inferioridade:

“A criança e a mulher sempre foram as vítimas preferidas do barbarismo e em poucos países as mulheres puderam desfrutar de alguns privilégios que as posicionaram socialmente acima dos homens, como nos clãs primitivos onde existia o matriarcalismo. Mas hoje em dia as mulheres não ocupam os lugares que elas deveriam na sociedade...

... a Religião, qualquer que seja, em qualquer forma que se apresente, é o mais terrível inimigo das mulheres. Sob o pretexto de confortar, ela aniquila sua consciência. Em nome do amor estéril, afastam-nas do amor, fonte da vida humana e da felicidade. Com seus fantasmas grosseiros esboçados em uma poesia insalubre, separam a mulher da real, forte e imensa poesia da existência livre.

²⁰ “Blancos, blancos”. In: GUERRERO, 1977, op. cit., pp. 144-145.

A religião é o complemento dos despotismos nacionais e domésticos. O seu objetivo é domesticar. O afago ou a chibata, a jaula ou as correntes, tudo isso é empregado para obter os mesmos resultados. A mulher é escravizada em primeiro lugar, pois a mulher é a mãe da criança e a criança se tornará um homem...

... O feminismo serve como base para se opor aos inimigos da emancipação da mulher. Mas certamente não há qualquer atrativo em reconhecer uma mulher como policial, em retirá-la de seu sexo delicado para empunhar a chibata do opressor...

... A liberação e a igualdade não tentam tornar o homem uma mulher, mas proporcionam a mesma oportunidade para as duas faces da espécie humana, de maneira que ambos possam se desenvolver sem obstáculos, ajudando um ao outro sem que se exijam direitos para apenas um deles, sem impedir o lugar do outro na natureza. Os homens e as mulheres têm que lutar por essa igualdade racional, para harmonizar a felicidade individual com a felicidade coletiva. Sem isso, existirá para sempre nos lares a semente da tirania, o gérmen da escravidão e da miséria social. Se o hábito é um jugo, devemos quebrar estes hábitos não importa o quão sagrado eles aparentem ser. Ao quebrar estes hábitos, a civilização avança. Alguns dirão que os hábitos são um freio, mas tais freios nunca libertaram as pessoas, nunca saciaram a fome ou libertaram os escravos.”²¹

De longe, a maior contribuição de Praxédís à propaganda revolucionária foi sobre a natureza da tirania e a resistência a ela. Uma resistência que só poderia ser revolução: “... A tirania é o resultado lógico de uma doença na sociedade, e seu único remédio é a revolução...”²². Depois de analisar objetivamente a natureza da tirania, Praxédís conclui:

²¹ “La Mujer”. In: GUERRERO, 1977, op. cit., pp. 137-143.

²² “El objeto de la Revolución”. In: GUERRERO, 1977, op. cit., p. 98.

“tiranos e criminosos comuns são igualmente sujeitos às leis naturais do determinismo, e mesmo que seus atos nos aterrorizem e nos enfureçam, temos que concordar com justiça na irresponsabilidade de um e de outro. Mas, sem cair em nenhum julgamento, pode-se dizer que a tirania é o mais justificável dos crimes porque não pode ser cometida pela ação de um indivíduo sozinho. Ela apenas ocorre quando existem circunstâncias de grande complexidade para além do desejo do indivíduo, em que homens poderosos aguardam por aquele mais apto ou com maior talento para o mal. Na prática, poderia um tirano exercer um poder sobre outra pessoa que não lhe desse elementos de apoio? Um malfeitor comum pode cometer suas maldades sem a cumplicidade de sua vítima. Um déspota, por outro lado, ou uma tirania, não pode existir sem a cooperação de grande parte de seus seguidores. A tirania é um crime de coletividades inconscientes contra elas mesmas, e deve ser atacada como uma doença social por meio da revolução. A morte dos tiranos é apenas um incidente de batalha, nada mais que um incidente, não é um ato de justiça.”²³

Praxédis também observou claramente que as tiranias eram feitas, ao menos em parte, da gratidão nacional. Muitos “heróis” e “salvadores nacionais” foram içados ao poder por uma população agradecida, cega à verdadeira natureza do indivíduo e de seus seguidores. Claro que quando o povo percebe o que fez já é tarde demais. Praxédis dá o exemplo de Agustín de Hurbide, mas a história está cheia de outros exemplos, como o próprio Madero, no México, ou Castro, para nomear alguns.

“A gratidão é a flor da servidão. Os libertários a desprezam pois seu cheiro é o de uma prisão de escravos.

O povo não deve gratidão aos seus libertadores da mesma maneira como não deve amor aos seus tiranos.”²⁴

²³ “El medio y el fin”. In: GUERRERO, 1977, op. cit., pp. 132-133.

²⁴ *La inconveniencia de la gratitud*. In: GUERRERO, 1977, op. cit., p. 106.

A tirania, como Praxédís a vê, só pode ser derrubada pela revolução, uma revolução que, por necessidade, é violenta. Não há outra maneira. Reformismo, pacifismo ou admissão da tirania são igualmente repugnantes. Ele aceita a violência revolucionária pelo que ela é, e nada mais, e morreu colocando isso em prática.

“... Não estamos buscando um subterfúgio para encobrir a violência que inevitavelmente e por necessidade terá que acompanhar o movimento de liberação. Nós deploramos a violência, ela é repugnante para nós, mas confrontados com uma escravidão ou uso da força que continuará indefinidamente, nós escolhemos o horror temporário da luta armada sem o ódio pelo tirano sem responsabilidade...”

Nós assumimos a luta violenta sem fazer disso nosso ideal, sem pensar na execução do tirano como a vitória suprema da justiça.

Nossa violência não é justiça, é apenas a necessidade que se preenche às custas de sentimentos e idealismo, e, por si mesma, é insuficiente para garantir ao povo a conquista do progresso. Nossa violência não teria sentido sem a violência do despotismo, ou nem teria razão se a maioria das vítimas do tirano não fossem, consciente ou inconscientemente, cúmplices da injusta situação de hoje em dia. Quando as aspirações humanas são livres para se desenvolver no meio social, então a produção e a prática da violência seriam um erro. Mas neste momento é o meio viável de quebrar velhos moldes que a evolução do pacifismo demoraria centenas de anos para corroer.

O objetivo da revolução, como já o dissemos muitas vezes, é garantir para todos o direito de viver, destruindo as causas da miséria, da ignorância e despotismo, desprezando o choro sentimental de teóricos humanitários.”²⁵

²⁵ *El medio y el fin*, ibidem, pp. 132-133.